

## VÁRIA

---

### De una relación tradicional de cuello a cabeza

En el «Boletín de la R. Sociedad Española de Historia Natural» (1912) publiqué una nota sobre una relación antropométrica tradicional en Indo-China y Alcarria, señalada en el primer país por Jeanselme para resolver el tránsito de la adolescencia al estado adulto en el varón, e indicada por mí en el centro de España para ciertas interpretaciones picarescas (1) en el sexo femenino.

En vista de la identidad de procedimiento identifiqué la interpretación en el sentido de la escasa probabilidad de solución positiva en este por la escasa proporción de solteras adultas en tal provincia; por ello añadí que «es muy dudoso que tal proceder se pudiera seguir, ni en broma, en un país en donde hubiese muchas solteras de más de 30 años; no por la mayor frecuencia de la ilegitimidad, sino por la del ajamonamiento, no menos que por el desarrollo muscular consiguiente a la participación activa en las labores del campo». También lo puede excluir en casos la relativa frecuencia de indicios de bocio.

Mi amigo D. Francisco Viñals, a quien envié mi original para que lo presentara en sesión, me escribió llamándome la atención sobre que no consignaba el que «fué popularísima costumbre de las matronas romanas y que ha quedado fijo en los países de su dominación; la gestación se llamó por eso *incincta* y de aquí la locución castellana *encinta*». Por su parte Littré equivocadamente interpreta *enceinte (incincta)* como «no ceñida o sin cinturón»; de modo que, aunque costumbre popularísima, merecía la pena de citarla por olvidada por ciertos sabios lingüistas y no sé si médicos.

Publicada mi nota y enviado un ejemplar, entre otras cosas, al Dr. Bertholon, residente en Túnez, me escribió lo siguiente:

«Ce procédé est courant chez les indigènes du nord de l'Afrique (plus spécialement en Kabylie). Je vous cite un anthropologiste, qui s'est occupé de cette question: «Il est, dit-il, une coutume encore fort en honneur dans nos régions; elle consiste à recourir

---

(1) Si la moza ha parido ó no.

à un marabout, qui déterminera la majorité par un procédé anthropométrique très empirique, qui est le suivant: à l'aide d'un fil prendre la circonférence du cou, doubler cette longueur, placer les deux chefs entre les dents du sujet que l'on observe. Si la boucle ainsi formée passe par dessus la tête, la majorité est légalement constatée. Preengruber: *La détermination de l'âge des indigènes en Kabylie*, Alger. Jourdan. 1888 ».

« Ce procédé a été aussi décrit par Hanoteau et Letourneau dans un ouvrage sur la Kabylie. D'autre part, je relève dans la *Chronique médicale* du 1 juin 1913, p. 350: « Si on met un cordon autour du cou de la jeune fille vierge, la veille du mariage, qu'on le mesure très exactement, et si, le lendemain on procède à la même mensuration, le cordon est plus long: le cou a donc augmenté. Dans certaines campagnes, on fait encore usage de ce procédé ». Cette note, non signée, montre une coutume semblable ayant existé en France ».

« D'après Letourneau (Bull. Soc. d'Anthrop. de Paris, 1888, p. 458, 461, 472, 473, *Les mensurations du cou en Bretagne et en Kabylie*) la coutume du fil passé au cou existerait en Bretagne. M. Manouvrier cite à l'appui de cette communication les vers suivants de Catullus:

Non illam nutrix orienti luce revisens  
Hesterno collem poterit circumdare filo  
Epithalamium Thesei et Thelidos

« Comme vous le voyez ce procédé d'appréciation de l'évolution de la puberté peut être relevé en France, en Espagne, en Afrique septentrionale, en Italie ». Hasta aquí el Dr. Bertholon.

También parece que tratan de ello H. Gaidoz et M. Perdrizet: *La mesure du cou* (« Mélusine », t. VI, 1893, n. 10), y « The American Anthropologist », VI, 1893, p. 408.

Los filólogos clásicos explicarían la existencia del procedimiento en los países latinos y el Africa del Norte por difusión romana; pero es inverosímil el traspaso folklórico de un estado fisiológico en la moza a la simple mayoría de edad en el mozo en Berberia; y aún más inverosímil es la influencia romana en Indochina. Lo probable es que los citados sean casos particulares de una costumbre más difundida y más antigua que las matronas romanas, no debida a ellas por tanto. Merece, pues, una investigación en otros países no latinos y con referencia a los dos sexos, investigación, que no me encuentro en condiciones de realizar, pero que sería hacedera para los colonistas.

TELESFORO DE ARANZADI.

## O sardão nas tradições populares

O povo português conhece dois lacertídeos. Um, grande, que compreende duas espécies: a *Lacerta viridis* e a *Lacerta ocellata*, à qual chamam *Sardão* (Santo Tirso) e *Lagarto* (Bragança); e outro, pequeno, que compreende a *Lacerta muralis* e algumas espécies que teem sido estabelecidas recentemente. Aos pequenos lacertídeos chama *largatas* (lagartas), sardoniscas ou lagartixas.

Ao estudar, sob o ponto de vista morfológico, dois exemplares de lacertídeos de cauda bifurcada <sup>(1)</sup>, tive ocasião de colher algumas curiosas tradições populares relativas aos sardões. Vou expo-las sumariamente.

Tanto no Minho como em Trás-os-Montes, o povo crê que os sardões são amigos dos homens e as cobras são afeiçoadas às mulheres.

Em Santo Tirso, os rapazes desafiam os sardões, cantando:

Sardão,  
Pão quente;  
Eu c'o pau  
E tu c'o dente,  
A ver qual é o mais valente! <sup>(2)</sup>

Em Penafiel (informação do dr. Sousa Pereira), mais tímidos, exclamam:

Sardão,  
Gailão,  
Come pão quente,  
E salta à gente!

Em Cête, os rapazes entreteem-se a caçar sardões. Mas, quando vêem algum com dois rabos, fogem, porque os consideram perigosíssimos (informação de Albino Cunha).

Em Bragada (concelho de Bragança) (informação do dr. Anibal Silva), é também sabido que o sardão é amigo dos homens e que a cobra tem um affecto especial pelas mulheres.

<sup>(1)</sup> J. A. Pires de Lima, *Queue bifurquée chez les « Lacertidae »*. « Comptes Rendus de l'Association des Anatomistes », vingt-quatrième réunion. Bordeaux, 25-27 mars, 1929.

<sup>(2)</sup> Cf. A. C. Pires de Lima, *Trad. pop. de Santo Tirso*, v-54. « Revista Lusitana », XVIII, 1915.

Uma vez um lagarto mordeu uma orelha a um homem que dormia. Êle acordou e quis matar o sardão, mas desistiu de tão mau intento ao ver uma grande cobra, que queria ofende-lo. Ê claro que o lagarto mordeu o dorminhoco para o avisar do perigo em que estava.

Esta lenda é muito mais bonita contada em verso. Ê assim:

Estava o *durme-durme* (homem)  
Debaixo do *pende-pende*; (castanheiro)  
Vem o *curre-curre* (lagarto)  
E acorda o *durme-durme*,  
Que vai matar o *ruge-ruge*. (cobra)

Já Teófilo Braga <sup>(1)</sup> colheu, em tempo, em Leça de Bálho, uma lenda relativa à aversão dos sardões pelas mulheres. Ê a seguinte:

«No princípio falava a serpente, o sardão, o sapo, etc. Deus perguntou-lhes se queriam ter pernas e não falar. A serpente disse que não queria ter pernas, mas ferrar. O sardão disse que não queria ter pernas e não ferrar, mas ser avêssio às mulheres. O sapo disse que não queria ter pernas nem ferrar, mas ter o corpo feio e os olhos bonitos».

E o prof. Leite de Vasconcelos <sup>(2)</sup> arquivou em 1882, a propósito de sardão: — «Ê amigo dos homens e inimigo das mulheres <sup>(3)</sup>.

Estando uma vez um homem a dormir e vindo uma cobra para lhe entrar pela bôca dentro, o sardão começou a bater com a cauda na cara do homem para êste acordar (Beira Alta, Douro, etc.).

Um sardão atacou uma tecedeira, que se defendeu atirando-lhe com novelos, que êle enguliu.

No princípio do Mundo, o Senhor perguntou aos sardões se êles queriam pernas. Êles disseram que sim. Para quê? Para fugir dos homens. O Senhor deu-lhes pernas (Cabeça Santa).

Para encantar os sardões, diz-se o Padre Nosso às avessas e atira-se-lhes uma moeda de dez réis; êles mordem-na quebrando-se-lhes os dentes (Portelo, Régua)».

Em Mogadouro (informação do dr. Santos Júnior) e em Bragança (informação do dr. Aníbal Silva), são procurados com

(1) Teófilo Braga, *Contos tradicionais do povo português*, II.

(2) Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Pôrto, 1882.

(3) Cf. A. C. Pires de Lima, *loc. cit.*, v-55.

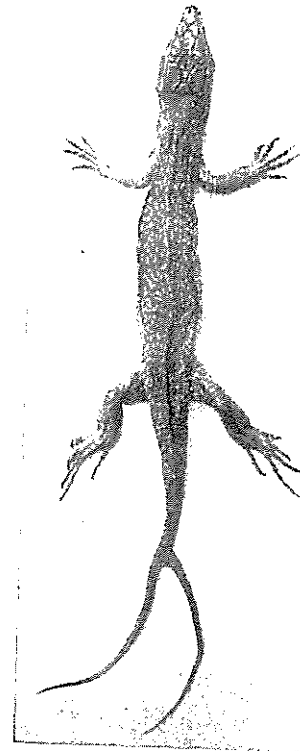


Fig. 1  
Sardão de duas caudas

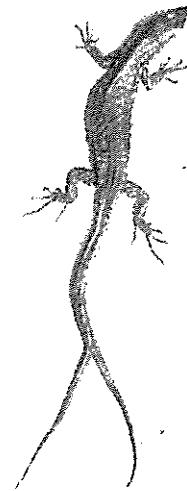


Fig. 2  
Sardonisca de duas caudas

grande diligência os lagartos de dois rabos, que são ótimos para adivinhar o número da sorte grande. Quando conseguem apanhar um vivo, prendem-no dentro de uma arca com farinha, cuja superfície alisam previamente.

Deixam-no ali passar uma noite e, pela manhã, vão ver os traços que o lagarto desenhou com a dupla cauda. Afigurando-se-lhes que está esboçada uma carta de jogar, vão logo arriscar à batota quanto dinheiro teem. Se aparecerem números desenhados, vão comprar bilhetes da lotaria com o número indicado.

Já Tomás Pires <sup>(1)</sup> tinha arquivado a seguinte credence alentejana: «Quem encontra um lagarto de duas caudas, deve apanhá-lo e metê-lo numa arca em cujo fundo haja uma pequena camada de areia ou farinha. O lagarto, com as caudas, escreve aí o número do prémio grande da lotaria próximo a extrair-se».

O mesmo etnógrafo também colheu no Alentejo a lenda que atribui ao sardão a amizade pelos homens e às cobras a afeição pelas mulheres.

Em Bragada (informação do dr. Aníbal Silva), o sardão tem certas aplicações terapêuticas: quem tiver dores de dentes, deve caçar um sardão vivo, feri-lo na cabeça e colher num pouco de algodão em rama umas gotas de sangue, soltando depois o animal. Em seguida, aplica-se a pelotasinha de algodão, embebida em sangue de cabeça do lagarto, sobre o dente que doe, e a dor passa.

O sardão também é eficaz no tratamento das maleitas. Apanha-se um vivo e mete-se dentro dum segmento de cana, arrolhado nas duas extremidades. Depois deve trazer-lo, pendente do pescoço, o indivíduo que sofre de sezões.

D. Maria C. Portugal Dias <sup>(2)</sup> colheu esta superstição em Ourique: «Agarra-se um lagarto vivo e golpeia-se tantas vezes quantas sejam as necessárias para que êle deite sangue. Logo que isto suceda, unta-se a quebradura com êle e deixa-se o lagarto em liberdade. Conforme êste se fôr curando, assim se curará o quebrado».

Prática terapêutica muito mais fundamente arreigada na tradição popular, é o uso dos excrementos de sardão em doenças oculares.

Diz o dr. Santos Júnior <sup>(3)</sup> que em Maçores (concelho de

<sup>(1)</sup> Tomás Pires, *Investigações etnográficas*. «Revista Lusitana», XI-XII; *Superstições, crenças, usos e costumes alentejanos*. Lisboa, 1908.

<sup>(2)</sup> Trad. pop. do Baixo Alentejo. «Revista Lusitana», XX, 1917.

<sup>(3)</sup> Santos Júnior, *Notas de medicina popular transmontana*. Porto, 1929.

Moncorvo) usam tratar as belidas com *lixa* de lagarto, curativo que consiste no emprêgo de excremento daquele animal. Os lagartos, diz o dr. Santos Júnior, depõem sôbre as pedras dos muros as suas fezes, que são fáceis de reconhecer pelos entendidos. A massa central escura é despresada; apenas aproveitam a parte periférica, de côr branca, que pulverizam e metem dentro duma palha, soprando em seguida para o ôlho doente.

Este tratamento é igualmente aplicado nos animais domésticos.

Os drs. Justiniano A. Miranda e Mário C. Miranda, num seu trabalho inédito sôbre medicina popular no distrito de Bragança, também registam como colírio sêco usado em Moncorvo, *lixa* (excremento moído), de lagarto, apanhado em Maio.

Na minha dissertação inaugural <sup>(1)</sup> refiro-me a uma rapariga, que eu vira com um extenso leucoma da córnea, e que me afirmou ter tratado a moléstia causadora daquela cicatriz com sujidade de sardão.

Onde iria o povo buscar a ideia para usar o imundo e ingênuo remédio?

Curvemos humildemente o nosso ráquis aprumado de filhos legítimos de Esculápio e abramos um manual português de oftalmologia publicado em fins do século XVIII por um Lente Oculista do Hospital de S. José <sup>(2)</sup>.

Joaquim José de Santa Ana, professor de oftalmologia na velha Escola de Cirurgia de Lisboa, preconisa a pág. 259 do seu, aliás, valioso tratado, as seguintes receitas:

## N.º XXIV.

## Pós Ophthalmicos, ou collyrio secco simples.

Açucar cande do mais puro . . . . .	oitava huma.
Licho de lagarto . . . . .	grãos seis.
Osso de Ciba . . . . .	grãos tres.
	misture.

(1) J. A. Pires de Lima, *Estudos sôbre a conjuntivite granulosa*. Famalicão, 1903.

(2) Joaquim José de Santa Anna, *Elementos de Cirurgia ocular offerecidos a sua alteza real o senhor D. João principe do Brazil*. Lisboa, M.DCC.LXXXIII.

## N.º XXV.

## Collyrio secco composto.

Açucar cande do mais puro . . . . .	oitava huma.
Licho de lagarto . . . . .	grãos oito.
Osso de Ciba . . . . .	grãos quatro.
Cal de cascas de ostras . . . . .	grãos seis.
	Misture.

«Depois de reduzir os simples destes dois Collyrios a pós impalpaveis, diz o mestre Santa Anna, se usará delles do modo seguinte. Situado o doente com a cabeça para traz, seguras as palpebras se toma na pá de hum palito, huma modica porção, e levando defronte do globo do olho, voltará o palito, deixando cahir os pós em sima da molestia; e fechando depois as palpebras, se mandarão remover os globos até se desfazerem os pós, a limpando depois os angulos e frizos das palpebras com hum pincel de fios, molhado em agua fria.

Este modo de deitar os pós he melhor, que o de serem soprados por canudo de papel, ou penna, pois a força do ar, que os impelle, os espalha de tal sorte, que poucos ficão em sima da molestia, para a sua utilidade, como a experiencia me tem feito ver».

O famoso livro de S. Cipriano <sup>(1)</sup> fala do seguinte modo da «Mágica do lagarto vivo, sêco no forno»: Toma-se um lagarto vivo, dos de lombo azul, e mete-se numa panela nova bem tapada e leva-se a um forno para torrar. Logo que esteja bem sêco faz-se em pó e deita-se numa caixa de sândalo. A mulher ou homem que deseja cativar o coração de qualquer pessoa, basta dar-lhe uma pitadinha dêste pó em vinho ou café, e terá essa pessoa sempre às suas ordens. Diz Jerónimo Cortez que êste pó é maravilhoso também para tirar dentes sem dor, esfregando com êle as gengivas.

O dr. Luís de Pina <sup>(2)</sup> informa que, na romaria de Santa Luzia, em Guimarães, se vendem sardões e pássaros de uma massa coberta de açúcar. Os rapazes oferecem sardões às raparigas e estas passarinhos àqueles. São dádivas maliciosas, relacionadas com o antigo culto fálico.

J. A. PIRES DE LIMA.

(1) *O grande livro de S. Cipriano ou thesouro do feiticeiro*. Pôrto, 1921.

(2) Luís de Pina, *Vimaranes*. Tese da Faculdade de Medicina do Pôrto, 1929.

**Alguns aspectos da vida portuguesa  
no «Cancioneiro de S. Simão de Novais» (1)**

Já há alguns anos que vou dedicando grande parte dos meses de Agosto e Setembro à colheita e ao estudo dessas deliciosas cantigas que brotam aos milhares por todo o nosso Portugal.

É na tradição que podemos melhor estudar a psicologia do velho e honrado povo português.

Foi numa minúscula aldeia do Minho, muito perto da antiga e nobre cidade de Guimarães, berço em que foi embalado o Reino de Portugal, que ouvi cantar as lindas e saudáveis raparigas do campo e os musculosos e fortes moços da lavoura.

Que melhor gente poderia ter escolhido para apreciar os usos e os costumes do nosso povo, do que esta, onde pela primeira vez vibrou a alma da nossa Raça?

Não é no ar impuro da cidade, nem entre as pessoas ricas e ilustradas que podemos escolher o tipo característico do nosso povo: é, pelo contrário, escutando o camponês analfabeto destes lugares que se pode analisar o verdadeiro sentimento nacional.

Foi desta maneira que o genial Camilo, ouvindo a gente humilde de S. Miguel de Seide, conseguiu escrever páginas das mais brilhantes da literatura pátria.

Muito teriam a lucrar os nossos poetas e compositores, se ouvissem cantar os trabalhadores do campo, para poderem criar música e poesia verdadeiramente nacionais. Nas cantigas populares, simples composições de quatro versos, condensa-se todo o modo de ser e de pensar da nossa gente. Umhas são tristes e fatalistas, outras irónicas e alegres. Umhas discutem maliciosamente o amor, outras cantam o sentimento religioso e patriótico.

Quanto mais antigas, mais bem feitas são estas pequenas composições líricas. É a prova do que afirmo terá o leitor ocasião de encontrar nas quadras que adiante vão publicadas. Algumas são recentes, e portanto ainda precisam de ser convenientemente aperfeiçoadas, o que só se conseguirá com o decorrer do tempo. O cantor popular tem muitas vezes uma notável intuição poética, e, com a repetição sucessiva, as quadras vão sendo lentamente

(1) Comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Sessão de 7 de Fevereiro de 1930.

buriladas até ficarem autênticas obras primas como muitas que tenho colhido.

E, algumas bastavam, por si só, para imortalizar um poeta.

Na minha longa série de quadras populares — pois que possuo para cima de 1.100 composições — o sentimento amoroso é o que domina. No entanto, este estudo foi motivado por determinadas tendências que certas quadras apresentam e que já foram notadas em trabalhos que publiqui anteriormente. (Vide «Cancioneiro de S. Simão de Novais», *Revista de Guimarães*, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries).

E, assim, achei que era do meu dever principiar a estudar separadamente determinadas quadras que versam temas de importância para o estudo da psicologia da gente portuguesa. Não se queira ver, nestas modestíssimas notas, mais que um subsídio para trabalho de maior fôlego, que possivelmente amanhã alguém tentará levar a efeito, englobando em grosso volume o estudo comparativo das quadras de todas as províncias do nosso País. Trabalhos dêsse género teem tentado diversos etnógrafos e ultimamente o sr. dr. Luís Chaves.

Parece-me também que, no momento em que a versalhada de revista, desprovida de todo o senso poético e moral, invade, duma forma impertinente, todas as regiões do País, desmoralizando e pervertendo o sentimento generoso da nossa gente, não se devem deixar perder essas admiráveis composições poéticas que, por si só, erguem muito alto o nível mental do povo que as produziu.

Tem sido pois de salvação o trabalho que me propus levar a efeito; e supponho ter conseguido já alguma coisa de útil, como bem o prova a minha colecção folclórica.

Seria injusto se neste momento não lembrasse os nomes dos drs. Augusto César Pires de Lima e Gomes Pereira que, nos concelhos de Santo Tirso e Barcelos, fizeram valiosas colectâneas, em regiões próximas da minha, cancioneiros que foram dados à estampa na «Revista Lusitana», dirigida pelo eminente prof. dr. Leite de Vasconcelos.

Nas quadras que se vão seguir, encontram-se nitidamente gravados os sentimentos do nosso povo: a tristeza, a dor e a própria alegria que a resignação lhe confere, mesmo nos momentos mais trágicos.

Em poucas palavras resumem-se perfeitamente longos tratados de psicologia.

E, nas quadras populares, que belos exemplos nós temos para demonstrar o que acabo de dizer...

## A política

Vão iniciar a série aquelas que se referem à política. O povo das aldeias não tem tendências políticas. Êste ou aquele homem público, que vai tomar conta do poder, deixa-o geralmente indiferente. A própria mudança do regime, pode afirmar-se que não o interessou. A nossa gente é pacata e resignada. Cumpre sem hesitações o que lhe mandam e os portugueses rústicos são trabalhadores admiráveis, desde que os saibam convenientemente dirigir e orientar.

Um estadista da monarquia serve de tema para duas quadras curiosas, que rezam assim:

J. F. veio ao Pôrto;  
Vinha muito asseado:  
Calcinhas de pano cru,  
Casaquinha de riscado.

J. F. veio ao Pôrto  
De bôtinhas amarelas;  
Vai-te embora, J. F.,  
Senão tu ficas sem elas...

A primeira foca ingenuamente e com simpatia a personalidade referida. A segunda, crivada de ironia, é uma alusão nítida à vinda dêste célebre político à capital do norte, onde sofreu certos dissabores.

Outro vulto monarquico também serviu de motivo para a fértil inspiração popular, e assim:

Anda na marinha,  
Vai ser marinho;  
Hei-de perguntar  
Ao P. C.

O P. C.  
É um grande ladrão  
Que nos quer roubar  
A nossa nação.

A segunda quadra que diz respeito àquele militar é irreverente; mas o poeta, num arripio de contrição, soltou os seguintes cantares, nos quais combate um vulto e o próprio regimen republicanos:

Ó Laurindinha,  
Casca de sobreiro!  
Morra o A. C.  
Viva o C.!

Ó Laurindinha!  
Bolacha Maria!  
Morra a República!  
Viva a Monarquia!

Nestas duas composições são feitas alusões políticas, que a mim não compete discutir. Um dia a História dirá se ao poeta que estas quadras produziu, assistia ou não razão.

Por fim o mesmo discutido chefe republicano A. C., é alvejado também irônica e na seguinte quadra:

O A. é um homem;  
Veio cá buscar as notas.  
Assim qu'as pilhou no bôlso,  
Logo lhe virou as costas.

E, para terminar a primeira parte dêste trabalho, vou apresentar uma, em que é uma mulher quem fala, tôda envaidecida por o seu namorado estar no exército. Diz ela:

O meu Amor é soldado,  
Anda em Braga a passear;  
O servir o rei é honra:  
Meu Amor, deixa-te andar.

## O serviço militar

Mas aquilo que mais preocupa e aflige a alma do trabalhador português, é certamente o ter de fazer serviço militar.

Encaram tudo com uma certa filosofia, até com serenidade e alegria; menos, repito, o terem de fazer o serviço militar.

As mulheres choram e os homens ficam acabrunhados. Mas, desde que sejam encorporados, imediatamente esquecem as tristezas passadas e cumprem sem tibiezas o seu dever.

Há quadras em que o cantor é um homem, outras em que é a mulher.

Falam os homens:

Quando eu assentei praça,  
Meu destino foi chorar;  
Tirei a roupa à paisana  
Vesti a de militar.

Meu Pai chora que se mata  
Por eu chegar ao 'stalão;  
Não chore, meu Pai, não chore,  
Que eu hei-de ter livração.

Quando eu assentei praça  
No oito de Infantaria,  
Cortaram-me os meus cabelos;  
Lá foi a minha alegria...

Já fui capitão de cabras,  
Agora vou p'ra major,  
Agora vou p'ra Valença  
Tomar ordens de maior.

Ai, adeus, que eu vou p'ra-Lixa  
Adeus, eu vou-me lixar!  
Ai adeus, rapaziada,  
Eu cá vou p'ra militar!

Meu Pai chora que se mata  
Por eu chegar ao 'stalão!  
Não chore, meu Pai, não chore:  
Os homens para que são?

Sou soldado artilheiro  
Da artilharia do Pôrto;  
Agora vou p'ra Viana  
Acabar de ser garoto.

Sou soldado, sirvo o rei,  
Também sirvo a rainha;  
Também faço sentinela  
A' tua porta, Rôsinha...

Na hora da partida tudo são lamentações, depois vem a resignação, em seguida o hábito e por fim ficam satisfeitos e nunca mais se lembram das tristezas passadas. Estas quadras demonstram com clareza a evolução sentimental do nosso galucho.

Falam as mulheres:

Não quero amor soldado,  
Não no tenho como gente;  
Antes quero capitão,  
Ou alferes, ou tenente.

Meu amor é militar,  
Toca corneta na tropa;  
Também toca cornetim  
Quando passa à minha porta.

Todos os dias eu rezo  
A' Senhora do Pilar,  
Que me livre o meu amor  
Da vida de militar.

Ó comboio d' hora e meia,  
Não te posso ver passar!  
Levaste-lo meu amor  
P'ra vida de militar...

O meu amor era António,  
Do oito de Infantaria;  
Era o soldado mais lindo  
Que o regimento trazia.

Eu hei-de ir p'ra a Santa Marta  
De joelhos a rezar,  
Que me livre o meu amor  
Da vida de militar.

Para a mulher portuguesa, a ida dos seus namorados, ou filhos, ou maridos para o serviço militar ou para a guerra, é o mesmo que a partida para o outro mundo. Não lhes podemos querer mal por isso; é um sentimento bem nacional, talvez pouco vulgar na psicologia de tôdas as nacionalidades.

O papel admirável desempenhado pela portuguesa, quer como mãe, quer como esposa, é digno dos maiores elogios. Muito lhe deve a história gloriosa do nosso País. Grandioso tem sido o seu papel em tôdas as emergências nacionais, quer nas horas gloriosas, quer nas horas de tragédia. É bem da mulher portuguesa o grito lancinante traduzido nesta quadra:

Senhora da Livração!  
Livrai o meu namorado,  
Livrai o meu amorzinho  
Da má vida de soldado!

### A guerra

Da guerra também se fala nas trôvas populares, e no meu «Cancioneiro» algumas se encontram discutindo êste motivo, preocupação constante de todos os tempos e de todos os países. Qual a maneira como a nossa gente encara êste magno problema, é fácil adivinhá-lo para quem tivesse lido com atenção as quadras referentes ao serviço militar.

São as mulheres chorosas, pedindo a Deus que lhes traga livres de perigo os seus maridos e os seus filhos. São as raparigas solteiras que anseiam pelos seus noivos, como deixam transparecer nas seguintes trovas:

O meu amor 'stá p'ra França,  
'Stá p'ra França, vem aí...  
Anda meu amor, oh, anda,  
Que estou à espera de ti.

Antes queria morrer,  
O meu corpo dar à terra,  
Do que ver o meu amor  
Ir combater para a guerra!

A primeira é alegre, denotando satisfação pelo regresso há tanto tempo esperado. A segunda é de horror, com receio que aquele que tanto amava fôsse encontrar a morte nos campos de batalha. A psicologia da mulher portuguesa fica perfeitamente focada nesta última quadra.

Finalmente, e para completar estas notas, vamos ver como o homem encara o problema:

Adeus, meus queridos Pais  
Vou p'ra guerra, vou morrer;  
Adeus meus queridos Pais  
Que não vos torno a ver.

Tu que tens, ó soldadinho,  
Que andás tam triste na guerra?  
Ou te morreu Pai ou Mãe  
Ou gente da tua terra.

Nem me morreu Pai nem Mãe,  
Nem gente da minha terra:  
Morreu-me *onte* a minha amada,  
É hoje o enterro dela.

Soldado que vais p'ra guerra,  
Viste lá o meu João?  
Êsse soldado, senhor,  
Já foi nosso Capitão.

Soldado que vais p'ra guerra,  
Viste lá o meu Luís?  
Êsse soldado, senhor,  
Não veio porque não quis.

Minha Mãe, que nos criaste,  
Minha Mãe, com tais carinhos!  
Eu agora vou p'ra guerra  
Morrer como os passarinhos!...

Lá que as mulheres assim pensem, dirá o leitor, está certo porque são mulheres. Agora os homens... pode reparar alguém, pondo em dúvida a coragem do português. Nada de mais errado. A nossa História basta por si só para mostrar quanto são grandes as possibilidades guerreiras do lusitano. É que, para êle, o ser-se valente não é qualidade especial, mas sim o dever que tem todos de bem desempenhar o seu lugar. Ser militar é um emprêgo como outro qualquer. E é preciso não esquecer que foi desta região que partiu a célebre «Brigada do Minho» que, na Grande Guerra, tam alto levantou o nome de Portugal.

O sentimentalismo tam próprio da nossa gente em nada tem influido para o seu enfraquecimento; antes pelo contrário, tem sido um estímulo digno de registo no heroísmo quasi lendário da nossa Raça.



## O mar

O nosso povo foi sempre influenciado pela longa costa marítima de Portugal.

As lendas terroristas, que na Idade Média corriam, apresentando o mar como um dragão que devoraria todos aqueles que o tentassem desbravar, foram desfeitas pelos portugueses. No entanto essas lendas tiveram, como facilmente se pode compreender, uma forte repercussão nas camadas populares, como nos prova a quadra seguinte:

No meio daquele mar  
Tenho uma pedra comprida;  
Tem um letreiro que diz:  
Quem lá fôr, arrisca a vida.

E realmente muitas vidas se arriscaram nas águas do mar. O Atlântico e o Índico, na verdade, são um grande cemitério de portugueses. No entanto, nem a fome nem a doença, nem a própria morte foram capazes de modificar as características, aliás únicas no mundo, dos portugueses. E, por mais que descobrissem e conquistassem, nunca se encontravam satisfeitos. Essa característica de insatisfação aparece-nos perfeitamente definida na composição que passo a transcrever:

Ó alegria do mundo,  
Por onde é que tens andado?  
Tenho corrido mil terras  
Não te tenho encontrado...

E assim é. E só assim foi possível terem os portugueses atingido as mais remotas paragens do mundo. E só assim se compreende que o nosso Rei D. Manuel I, orgulhosamente se pudesse intitular: «Rei de Portugal e dos Algarves, de Aquém e de Além-Mar, em África senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia».

E o que é verdade é que o mar serve de motivo a muitas quadras populares que recolhi. Tais são:

Se o mar tivera varandas,  
Ia-te ver a Lisboa;  
Mas o mar não tem varandas:  
Quem não tem asas não voa...

O mar pediu a Deus peixes,  
Para andar acompanhado.  
Quando o mar quer companhia,  
Que fará um desgraçado?

O mar pediu a Deus peixe,  
E o peixe pediu fundura;  
O homem pediu ciência,  
A mulher a formosura.

A água clara vai turva,  
Chega ao mar *enquelarece*;  
As mulheres são como a chuva:  
Aos três dias *aborrece*.

Quando eu peguei a amar  
Lada não era pecado,  
Nem o mundo era mundo,  
Nem o mar era sagrado!

Eu hei-de ir, e hei-de vir,  
Falas te não hei-de dar:  
Hei-de-te fazer moer,  
Como o navio no mar.

Moro à beira do rio,  
Moro mesmo à beirinha:  
Da janela do meu quarto  
Ouço cantar a sardinha.

Da minha casa p'ra tua,  
Do meu coração para o teu...  
Trago navios no mar;  
Quem os governa sou eu.

Fui-me confessar ao Pôrto,  
A' terra dos marujinhos:  
Deram-me por penitência  
Mais abraços que beijinhos.

A cana verde no mar  
Também tem a sua dor;  
Eu também tenho a minha,  
Seja ela como fôr.

A cana verde no mar  
Dá-lhe o vento, balanceia;  
Também tu, minha menina,  
O teu juízo *vareia*.

A cana verde no mar  
Navega no caracol.  
Também tu, minha menina,  
És como a ressa do sol.

De noite tanto chorei...  
A lágrima chegou ao mar,  
Que me deram por notícia  
Meu amor ir-me deixar.

Ó mar largo, ó mar largo,  
Ó mar largo sem ter fundo!  
Mais vale andar no mar largo  
Do que nas bôcas do mundo.

Aquele navio novo,  
Aquele novo navio,  
o que me há-de levar:  
Passou as ondas do rio.

O mar também é casado,  
Também tem sua mulher:  
É casado c'ò a areia  
Dá-lhe beijos quando quer.

No meio do mar 'stão rosas,  
Eu bem lhes vejo os botões;  
Eu bem vejo caras lindas:  
Mas não vejo corações...

Lá vem o barco à vela,  
Lá vem a sardinha boa;  
Lá vem o meu amorzinho  
Assentadinho à proa...

Aquele navio novo  
Jura que me há-de levar;  
Eu juro que não hei-de ir  
Passar as ondas do mar.

A cana verde no mar  
Navega por onde quer:  
É como o moço solteiro,  
Enquanto não tem mulher.

A cana verde no mar  
Arrebenta ao nascer;  
Assim *arrebente* os olhos  
A quem não me pode ver.

A cana verde no mar  
Navega, não vai ao fundo.  
Inda que eu queira, não posso  
Tapar a bôca ao mundo.

A cana verde no mar  
Pega depois de torcida;  
Também os amores pegam  
No peito p'ra toda a vida.

Ondas do mar, abrandai;  
Que eu qu'ria pilhar peixe:  
Eu qu'ria deixar o mundo,  
Antes que me ête a mim deixe.

Não há navio sem rêmo  
Nem rio sem corta-mar  
Nem donzela sem amor:  
Só se o não quer tomar.

A Senhora da Saúde  
Tem um manto que reluz,  
Que lho deu um brasileiro  
Que se viu no mar sem luz.

Quantos peixes tem o mar?  
Não sei que não fui ao fundo.  
Também quero que me digas  
Quantos olhos tem o mundo.

Fui ao mar p'ra ver as ondas,  
Ao jardim p'ra ver as flores,  
Ao Céu p'ra ver as estrelas,  
Aqui p'ra ver meus amores!

Já fui ao mar de joelhos,  
De joelhos fui ao fundo:  
Por tua causa, menina,  
Já fui ao cabo do mundo.

Menina, que vai no barco,  
Tire o pé, que molha a meia!  
Vá casar à sua terra,  
Não case na terra alheia.

Não quero amor pedreiro,  
É muito ruim de lavar;  
Antes quero marinheiro,  
Que se vai lavar ao mar.

No meio daquele mar  
'Stá uma pombinha verde;  
Nem é pomba, nem é nada;  
É raiz da cana verde.

Da minha janela rezo  
A' Senhora das Areias,  
Que me mande o meu amor,  
Que anda por terras alheias...

Fui ao mar caçar um peixe  
Cacei uma rapariga:  
Se eu assim caçara sempre,  
Arranjava a minha vida.

Anda na marinha,  
Vai ser marinheiro;  
Hei-de perguntar  
Ao Paiva Couceiro.

Minha vida! Minha vida!  
Minha vida é como um cesto.  
Ando de porta em porta:  
Quem compra chicharro fresco!

Na praia da Galileia  
S. João foi pescador:  
Deixou barca, deixou remos,  
Seguiu a Lei do Senhor!

S. João, ó S. João!  
Ó meu belo marinheiro!  
Levai-me na vossa barca  
Para o Rio de Janeiro!

Em tôdas estas composições, encontramos retratada a vida marítima dos portugueses. É claro que hoje o mar, como aliás bem o demonstram as quarenta quadras que atrás ficam, não interessa sob o ponto de vista da descoberta e conquista de novas terras. Contudo, as tendências marítimas do nosso povo não se extinguíram, apenas tomaram rumo diferente. Hoje o problema marítimo apresenta-se-nos sob o aspecto meramente comercial. A pesca e o Brasil são duas grandes aspirações do nosso povo, como o provam algumas quadras. Evidentemente na maioria das composições poéticas o mar surge-nos apenas como palavra necessária, quer para completar a rima, quer como complemento para acompanhar o motivo principal, que é outro absolutamente diferente. Não nos devemos admirar disso, porque a quasi totalidade das quadras da minha colecção referem-se a assuntos de amor, sentimento êste que preocupa constantemente os poetas anónimos que as produziram.

A par das composições referentes pròpriamente ao assunto que me propus tratar, achei que não deveria esquecer aquelas

cujos motivos se prendem directamente ao mar, à vida do marinheiro, etc.

### O Brasil

Ao concluir o meu estudo, devo referir-me ao Brasil em especial. Na verdade, se procurarmos nas numerosas poesias de quatro versos, não encontramos quasi nada a respeito das nossas actuais possessões. No entanto, existe uma, no meu «Cancioneiro de S. Simão de Novais», referente à Índia, que reza assim:

Fui degredado p'ra a Índia,  
Não foi por nenhum ladrão:  
Por dar abraços e beijos.  
Na Índia também se dão...

A respeito desta quadra dizia eu no prefácio da 1.<sup>a</sup> série do meu «Cancioneiro»: «Algumas devem ser bem antigas, como a do n.º 86, que fala em degrêdo para a Índia». Dias depois tinha a grande satisfação de receber uma nota do sábio prof. Leite de Vasconcelos, nos seguintes termos: «A sua observação acêrca da cantiga 86 (Índia) é feliz».

É esta a única quadra que faz referência a uma colónia portuguesa. Outra antiga possessão ficou, porém, para sempre, gravada no coração dos lusitanos: O Brasil! E êle aí está a mostrar a todo o mundo o valor do génio nacional.

As quadras sôbre motivos brasileiros que se encontram na minha colectânea, são as seguintes:

Vila Nova já foi Vila,  
Agora é um charqueiro.  
Quem quiser moças bonitas,  
Vá ao Rio de Janeiro.

Você diz que me não quer,  
Eu que não tenho dinheiro?  
Tenho meu pai no Brasil,  
Sou filha dum brasileiro.

Não são calças, meu amor,  
São saias à brasileira;  
São môdinhas e bailares  
Que andam na brincadeira.

Quero um amor alfaiate,  
Nem trolha, nem sapateiro;  
Antes quero ir p'ra o Brasil,  
P'ra casar co'um brasileiro.

Oliveira do Brasil,  
Deita para cá um cano!  
O meu amor é teimoso;  
A teima dura-lhe um ano.

Dizeis que já não há rosas  
Lá no Rio de Janeiro?  
Eu 'inda ontem vi uma  
Ao peito dum brasileiro.

O meu pai é brasileiro,  
Minha mãe é Carolina;  
Foram ambos ao passeio  
Tocados a gasolina.

Rosa, que está na roseira,  
Deixa-te estar até ver,  
Que eu vou ao Brasil e venho,  
Inda te hei-de vir colher!

Meu pai estava no Brasil,  
Minha mãe morreu no mar,  
Agora levo a vida  
No terreiro a dançar.

S. João, ó S. João!  
Ó meu belo marinheiro!  
Levai-me na vossa barca  
Para o Rio de Janeiro.

As terras de Santa Cruz continuam, como sempre, a despertar um grande interesse na nossa gente. Brasil e mina de ouro são, para o nosso povo, sinónimos. E o que é verdade é que, apesar da desilusão que sofrem quando desembarcam em terra brasileira, verificando que para vencer é preciso trabalhar muito e durante longo tempo, os portugueses se resignam e, com um esforço hercúleo, conseguem ser alguém e honrar o nome da sua Pátria.

A-pesar, repito, do espírito de aventura da nossa gente, aqueles que emigram nunca esquecem a terra que lhes foi berço. É bem frisante o cantar que, um dia, um poeta, traduzindo o pensamento colectivo, recitou:

Hei-de cantar, hei-de rir,  
Neste nosso Portugal:  
A gatinha é tóda boa,  
Aqui ninguém me faz mal!

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA.

### Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos

Pouco depois de publicado nestas colunas o nosso exame sumário do problema dum possível parentesco entre caracteres rúnicos e caracteres ibéricos, já abordado por Estácio da Veiga e Ricardo Severo, vimos na *Revue Archéologique* uma breve referência a um estudo do prof. Carl Marstrander, da Universidade de Oslo, intitulado *Sobre a origem das runas e dos seus nomes*, em que se defendia a hipótese de as runas derivarem dos alfabetos celto-latinos da Alta-Itália. O assunto interessava-nos evidentemente, visto que também fomos levados a apontar as antigas escritas conhecidas por *norte-etruscas* como um possível elo entre a escrita ibérica e a rúnica; o trabalho do prof. Marstrander parecia à primeira vista, é certo, desviar-nos da ideia por nós aventada de que esse elo seria lígure, mas restava o facto de a escrita lepontiana ter estado, pelo menos, ligada a populações lígures.

Infelizmente a revista onde aquele artigo apareceu, *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap*, Oslo, 1928, não conseguimos nós obtê-la por intermédio dos livreiros, talvez por se tratar dum primeiro número; e só a amabilidade do seu director, o próprio autor do artigo em questão, a quem por isso tivemos de recorrer, nos permitiu finalmente confrontar as duas hipóteses.

Entre elas não há com efeito incompatibilidade alguma, antes nos parece sustentarem-se mutuamente. Se as runas derivam dos alfabetos celto-latinos, conforme o autor pretende, como as inscrições ibéricas nos aparecem sobretudo a sul e a leste, isto é, na zona *ibérica* propriamente dita, e em contiguidade, na Gália Narbonense, com populações lígures, a tese do prof. Marstrander só nos pode levar a introduzir mais um elo na cadeia, que ficaria deste modo constituída por iberos, lígures, celtas e nórdicos—qualquer que tenha sido o seu ponto de irradiação.

As ideias do autor podem resumir-se como segue:

O prof. Marstrander reconhece *ab initio* que o alfabeto rúnico se não pode explicar inteira e cabalmente nem pela hipótese grega nem pela latina. Quanto à primeira, a sua cronologia não se adapta bem aos factos: só depois da tomada de Olbia e de Tyras pelos Godos do mar Negro é que estes entraram em relações estreitas com a civilização grega, o que faria remontar a origem das runas, quando muito, à primeira metade do século III. Ora o alfabeto rúnico parece ter estado já em uso, na Escandinávia, desde a segunda metade do mesmo século, o que não daria tempo suficiente para a transmissão, apresentando os caracteres rúnicos, para mais, vestígios evidentes de um desenvolvimento interno em solo germânico.

A origem das runas deve pois procurar-se, não no oriente, mas ao sul, e ser mais remota; é então que o prof. Marstrander põe em relêvo as concordâncias flagrantes entre a maioria dos caracteres rúnicos e as escritas celto-latinas das regiões alpestres. Estas proviriam dos arcaicos alfabetos norte-etruscos, mas com influências crescentes do alfabeto latino, que se podem seguir passo a passo, sobretudo nos alfabetos de Sondrio e de Lugano, «cujas inscrições foram redigidas umas em língua céltica, outras em língua lepontiana». E são estes alfabetos também, e não o veneto, como Pedersen pretende, que o autor considera mais próximos do rúnico. Do alfabeto latino, entretanto, teriam sido tirados directamente apenas três sinais: os de valor *f*, *h* e *r*.

Realçando em seguida as relações entre as runas e o alfabeto ogâmico da Irlanda, e integrando tódas as suas inferências, o autor conclue que a origem do alfabeto rúnico deve ser recuada até ao início da nossa era, tendo desaparecido as respectivas ins-

crições por serem então apenas gravadas em matérias pouco resistentes, tais como a madeira e os ossos, e para fins mágicos, isto é, reservadas a uma pequena casta; e que o local mais adequado aos dados do problema é o império marcomano de Marabodvus, onde as influências célticas são em tudo bem visíveis. E é assim que «heterogéneo na sua composição como o meio em que nasceu, o alfabeto rúnico reflete pois a última e decisiva luta entre as escritas latina e celto-etrusca».

Não nos pertence a nós nem criticar nem elogiar o trabalho, evidentemente valioso e probo, do eminente runólogo norueguês, mas registar somente quanto êle vem favorecer a aproximação entre runas e caracteres ibéricos. Citaremos apenas, para terminar, a opinião repetidamente expressa de Salomão Reinach, de que, a pouco e pouco, se há-de ir fortalecendo a tese da existência duma escrita linear no ocidente da Europa antes da vinda dos fenícios, escrita da qual os alfabetos peninsulares, ligúricos, rúnicos, etc., seriam os descendentes.

LUÍS CARDIM.

### Prehistória angolense

Na representação do Instituto de Antropologia do Pôrto na Exposição Colonial de Antuérpia (1930) figura a reprodução dum instrumento de sílex lascado do *Dundo* (Lunda), trazido de Angola, no regresso da Missão universitária de 1929, pelo prof. dr. Castro Portugal. Creio ser a mesma peça a que se refere em carta o dr. Oliveira Boléo, como tendo sido encontrada «nos terrenos revolvidos para a exploração dos diamantes».

Este instrumento pertence morfológicamente à cultura de *Tumba* (Congo Belga), estudada por Taramelli (1901-02) e por O. Menghin (1925), à qual nos parece referível outro achado de *Quifandongo* (Luanda), descrito pelo prof. dr. Leite de Vasconcelos.

O dr. Oliveira Boléo examinou também sílices lascados do *Huambo* na colecção da Missão Geológica.

Pela escassez de bibliografia prehistórica das nossas colónias seria louvável que estas e outras peças fossem remetidas para estudo aos museus da metrópole.

Bibliografia: P. Choffat. Échantillons de roches du district de Mossamedes. Comunicações da Dir. dos S. Geol. de Portugal. IV, págs. 190-194. Lisboa. 1900-01; A. Taramelli. Quelques sta-

tions de l'âge de la pierre découvertes par l'ingénieur Pietro Gariazzo dans l'État Indépendant du Congo. Congrès Int. d'Anthr. et d'Arch. Préh. Paris. 1900, pág. 248. Paris. 1902, e L'Anthropologie. XII, pág. 396. Paris. 1901; J. L. de Vasconcellos. Instrumentos preistóricos da África Portuguesa. O Archeólogo Português. XVIII, pág. 174. Lisboa. 1913; O. Menghin. Die Tumbakultur am unteren Kongo, etc. Anthropos. XX. 1925; U. Rellini. Sulla nomenclatura delle culture quaternarie. Estr. dal Bulletino di Paleologia italiana. XLVII. 1927. Roma. 1929.

R. DE SERPA PINTO.

### Nótulas asturienses

#### II

A área do «asturiense» encontra-se por ora restrita ao anel formado pelas costas de *Portugal* (Minho), *Galiza*, *Espanha*, *França* e *Irlanda*, e ainda à *Catalunha*, *Estónia* (?) e *Egito* (?), notando-se uma evolução na indústria à medida que nos afastamos de Portugal (1).

Não estando porém assentes as relações cronológicas entre os achados dos diversos países, são prematuras as hipóteses fundadas apenas nas suas características externas. Assim o entenderam os distintos arqueólogos galegos D. Florentino Cuevillas e dr. Bouza Brey ao comparar as culturas do noroeste peninsular com as da Bretanha.

Já acentuamos as analogias de certos instrumentos de tipo asturiense de *Ancora* com os instrumentos de quartzite de algumas estações paleolíticas portuguesas, tendo também o R. P. Eugénio Jalhay, numa conferência, atribuído às estações galaico-portuguesas maior antiguidade que às das Asturias.

Conquanto o «asturiense galaico-português» seja difícil de situar cronologicamente, pois a falta de dados estratigráficos é complicada pela mistura com instrumentos típicos do paleolítico e por possíveis sobrevivências, parece tratar-se duma indústria indígena com tradições paleolíticas, adaptada às circunstâncias do

(1) R. de Serpa Pinto, *O Asturiense em Portugal*. «Trabalhos da S. P. A. E.», IV, pág. 5. Pôrto, 1928; id., *Nótulas asturienses*, I. «Trabalhos, etc.», IV, pág. 175. Pôrto, 1929.

meio e do clima, dada a sua larga distribuição na costa atlântica e notável unidade morfológica, manifestadas em alguns milhares de instrumentos recolhidos.

Ao estudar os picos de *Ancora* consideramos algumas variedades tipológicas para facilidade de descrição, reconhecendo que por vezes deviam resultar mais da configuração dos seixos empregados no seu fabrico do que obedecer a um destino diferente.

É de crer porém que nem todos os instrumentos fôsem utilizados na recolha dos mariscos, tanto mais que concomitantemente aparecem raspadores, lâminas, etc., devendo algumas variedades de picos ser empregadas em usos guerreiros, cinegéticos ou domésticos. Estarão provavelmente neste último caso alguns «picos arredondados» e «picos sub-rectangulares» que apresentavam um gume desenvolvido como o dos «coups-de-poing».

PORTUGAL — Aos investigadores do asturiense minhoto juntou-se o sr. Serafim Neves, que possui na sua colecção excelentes exemplares de *Viana do Castelo*, segundo informações obsequiosas do R. P. Jalhay e tenente Afonso do Paço.

Em *Manhufe* (Matozinhos), na margem esquerda do rio Leça e próximo do mar, encontrou minha Irmã um pico muito grosseiro em Março de 1930, que, relacionado com o achado doutra quartzite lascada em *S. Braz* (Santa Cruz do Bispo), permite trazer muito para o sul a zona do asturiense português.

ESPAÑA — O R. P. Jalhay explorou com o tenente Afonso do Paço um concheiro em *A Guardia* (Galiza).

Na gruta de *Parpalló* (Valencia) refere D. Isidro Ballester o aparecimento de «alguna pieza parecida a los picos asturienses».

As peças de *Montgri*, que vimos em Barcelona, pareceram-nos tipologicamente asturienses, mas formando um grupo distinto como sucede com as minhotas.

IRLANDA — Numa nota posterior serão descritos os picos e outros instrumentos de sílex da *raised beach* de *Larne*, *Glenarm* e *I. Magee*, que mercê do elevado desprendimento de Mr. C. Blake Whelan podem ser estudados no Museu Antropológico do Pôrto.

Algumas destas peças foram apresentadas em sessão da «S. P. A. E.» de 13 de Dezembro de 1929.

ESTÓNIA — Um «pico» da Estónia, apontado pelo R. P. Jalhay num artigo de M. Ebert, é por ora um enigmático documento a juntar às supostas afinidades asturienses encontradas por Sandford e Arkell no Egito.

BIBLIOGRAFIA — Continuação dos *Trabalhos*, IV, pág. 178:

LXVI — BALLESTER TORMO (Isidro) — *Las excavaciones del Servicio de Investigación en «Còva del Parpalló»*. (Cultura Valenciana. IV, pág. 88. Valencia. 1929).

LXVII — BOSCH GIMPERA (Prof. P.) — *Pyrenäenhalbinsel*. (Max Ebert. Reallexikon der Vorgeschichte. X, Berlin. 1927-28).

LXVIII — BOSCH GIMPERA (P.) y SERRA-RAFOLS (J. de C.) — *El museo arqueológico de Barcelona*. (IV Congreso Int. de Arqueologia. Barcelona. 1929).

LXIX — BOULE (Prof. Marcellin) — Análise de LXIII. (L'Anthropologie XXXIX, pág. 170. Paris. 1929).

LXX — CUEVILLAS (Florentino L.) e BOUZA BREY (Fermin) — *Os Oestrinios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*. (Extr. dos Arquivos do Seminário de Estudos Galegos. II. 1929, pág. 7. A Cruña. 1929).

LXXI — EBERT (M.) — *Die baltischen Provinzen Kurland, Estland* (Praeh. Zeitschrift. V, pág. 499, 1913). Apud LXXIII.

LXXII — JALHAY (R. P. Eugénio) — Análise de LXIV. (Broteria. IX, pág. 271. Lisboa. 1929).

LXXIII — JALHAY (R. P. Eugénio) — *Os Estrinios, os Saefes e a Ofiolatria na Galiza*. (Broteria. IX, pág. 311. Lisboa. 1929).

LXXIV — MELIDA (Prof. José R.) — *Arqueologia española*. (Col. Labor. n.ºs 189-190, pág. 20. Barcelona. 1929).

LXXV — MENGHIN (Prof. Oswald) — *Die mesolitische Kulturentwicklung in Europa*. (Deutsches Arch. Institut. 17 er. Bericht. 1927, págs. 154, 158, 161, 188, 189 e 195. Frankfurt-am-Mein. 1929).

LXXVI — OBERMAIER (Prof. Hugo) — *Palaeolithikum und Steinzeitliche Felskunst in Spanien*. (Sond. aus der Praeh. Zeitschrift. XIII-XIV. 1921-22).

LXXVII — PAÇO (Tenente Afonso do) — *Estação paleolítica de Carreço*. (Sep. da Broteria. IX. Lisboa. 1929).

LXXVIII — PAÇO (A. do) — *Estação asturiense de Carreço*. (Em publ. Broteria. X, pág. 160. Lisboa. 1930).

LXXIX — SERPA PINTO (R. de) — *Nótulas asturienses*. I. (Sep. dos Trabalhos da S. P. A. E. IV. Pôrto. 1929).

LXXX — VAUPREY (R.) — Análise de LXI. (L'Anthropologie. XXXIX, pág. 482. Paris. 1930).

Pôrto. Páscoa de 1930.

R. S. P.

### Machados de bronze das margens do Ave

Na colecção do falecido arqueólogo *Rev. Joaquim A. da Fonseca Pedrosa*, exposta no claustro do convento de S. Bento em Santo Tirso, examinamos recentemente três machados de bronze inéditos, cujas características são:

1). Machado de talão e um anel, com duas caneluras no gume. Comprimento 0,190 m. Encontrado próximo da *Citânia de Briteiros*. Assemelha-se a um machado de Barcelos, existente no Museu Municipal do Pôrto (Cf. J. Fortes. *Portugalia*. II, pág. 662), sendo ambos de aspecto franzino.

2). Machado de talão e dois anéis, com duas caneluras no gume. Tipo vulgar. Compr. 0,235 m. Da *Serra da Saia*, Louro. No Museu M. do Pôrto há um machado de talão e um anel e outro de alvado e um anel da mesma freguesia. (Cf. J. Fortes. *Loc. cit.*).

3). Parte central dum machado de talão e dois anéis, com três nervuras finas no gume. Da *Chã da Presa*, Santo Tirso. Comparável a um exemplar de Viatodos. (Cf. *Portugalia*. II, pág. 421).

O inventário da colecção fica para nota posterior mais desenvolvida. Citaremos contudo as principais peças, que devem estar inéditas: machado de schisto diorítico (?) polido com furo de suspensão, do Monte da Assunção (Santo Tirso); fragmento dum pequeno ídolo-placa (?) ou amuleto da Quinta da Devesa (Santo Tirso); quatro vasos de fabrico manual do Castro do Corvilho; curiosos objectos de bronze e um machado de ferro do Castro de Alvarelos; foice roçadeira de ferro do Castro de Moutinho; 33 vasos e pratos de barro luso-romanos, 5 dos quais pintados, dos cemitérios de S. Cristóvão de Muro e da Quinta da Devesa (Santo Tirso).

R. S. P.

### Bibliografia do prof. Mendes Corrêa. I Aditamento (1929)

Em publicação do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto demos a *Bibliografia do Professor Mendes Corrêa* (56 págs., Pôrto, 1929) (1) com o sumário das suas publicações científicas até 1928 inclusivè.

(1) A *Bibliografia* foi reproduzida parcialmente em: «Junta de Educação Nacional. Relatório dos trabalhos efectuados em 1929», págs. 61-74. Lisboa. 1929; e analisada por: P. Eug. Jalhay. «*Broteria*». IX, pág. 72. Lisboa. 1929, e F. L. Cuevillas. «*Nós*». VI, n.º 68, pág. 141. A Cruña. 1929.

Seguindo a numeração desse trabalho, eis a nota complementar relativa a 1929, e a indicação de alguns artigos omitidos:

96-A — Tomaz Ribeiro. «*In Memoriam*», págs. 32-33. Viseu. 1924.

123-A — Humberto de Passos Freitas. «*Trabalhos da S. P. A. E.*», III, fasc. 2, págs. 171-172. Pôrto. 1927.

124-A — Coronel Alexandre José Sarsfield. «*Trabalhos da S. P. A. E.*», III, fasc. 3, págs. 249-252 com um retr. Pôrto. 1927.

140 — La minorité brachycéphale chez les Portugais et l'origine de la brachycéphalie. 2 págs. Extr. des «*C. rendus des séances de la Soc. de biologie*». Vol. C, pág. 526. 1928.

Parece admissível supor a braquicefalia derivada de flutuações individuais dos dolicoídeos primitivos, fixando-se depois em novos ramos humanos. Ver 43, 57, 94 e 117.

141 — Conveniência de as Misericórdias manterem na sua orientação beneficente e caritativa os princípios doutrinários que inspiraram e animaram a sua fundação. 3 págs. II tese apres. ao «*II Congresso das Misericórdias*» (19 a 22. V. 1929). Pôrto. 1929.

*Cit.*: J. S. Tavares. «*Broteria*». IX, pág. 59. Lisboa. 1929.

142 — Art rupestre en Traz-os-Montes (Portugal). 1º Pétroglyphes de la vallée de l'Avelames. 2º Le Sanctuaire d'Outeiro Machado. 16 págs. e 12 figs. Sep. da «*Revue Archéologique*». 5º série. XXIX, págs. 121-136. Paris. 1929.

O rochedo sagrado de *Outeiro Machado* (Chaves) está coberto de algumas centenas de gravuras, atribuíveis ao neolítico final ou começo da idade do bronze, destacando-se representações de machados encabados.

*An.*: F. L. Cuevillas. «*Nós*». VI, n.º 68, pág. 142. A Cruña. 1929.

*Cit.*: R. de Serpa Pinto. *Petroglifos de Sabroso, etc.* A Cruña. 1929; J. Rodrigues dos Santos Júnior. *As ruínas castrejas da Cidadonha*, pág. 12. Pôrto. 1929; J. R. dos Santos Júnior. *Pinturas megalíticas, etc.* pág. 22 e 34. Pôrto. 1930.

- 143 — A cronologia das mais antigas inscrições do noroeste da Península. 26 págs. Discurso inaugural da subsecção de «Ciencias historicas» do Congr. de Barcelona da Asoc. Esp. para el Progreso de las Ciencias, págs. 31-56. Madrid. 1929.

Reflexões sôbre os petroglifos galaico-portugueses, e especialmente sôbre as estações de *Parada* (Pontevedra) e *Alvão* (Vila Pouca de Aguiar), que permitem considerar «as inscrições respectivas como as mais antigas do noroeste peninsular». Ver 115, 129 e 134.

An.: E. Jalhay. «Broteria». x, pág. 190. Lisboa. 1930.  
Cit.: J. R. dos Santos Júnior. *Pinturas megalíticas, etc.*, pág. 23. Pôrto. 1930.

- 144 — Geologia e Antropologia em Portugal. 28 págs. e 11 grav. inums. Exposição Portuguesa de Sevilha. Lisboa. 1929.

Resumo histórico dos trabalhos geológicos e antropológicos realizados em Portugal e nas províncias ultramarinas.

An.: E. Jalhay. «Broteria». x, pág. 190. Lisboa. 1930.

- 145 — A Geografia da Prehistória. 80 págs. e 22 figs., com resumo em francês. Publ. do Instituto de Antropologia da U. P. subsidiada pela Junta de Educação Nacional. Pôrto. 1929.

Capítulos: Legitimidade e âmbito da «Geografia da Prehistória»; História, critérios, cartas; Técnica e interpretação das cartas; A Paleografia física; Factos de Antropogeografia prehistórica. Os três primeiros capítulos foram publicados nos «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», vol. XVI, págs. 29-62. Pôrto. 1929.

An.: C. Vallaux. «Mercure de France». ccxvi, n.º 756, pág. 692. Paris. 1929.  
Cit.: J. R. dos Santos Júnior. *Pinturas megalíticas, etc.*, pág. 26. Porto. 1930.

- 146 — Prefácio de: «Terras da Beira. Cernancelhe e Seu Alfoz», pelo Ab. Vasco Moreira. Pôrto. 1929.

Pôrto. Março de 1930.

R. S. P.

### Prof. Leite de Vasconcelos

Pelo decreto n.º 16624, de 18 de Março de 1929, foi mudado o nome do «Museu Etnológico Português» para «Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos», e nomeado director honorário o ilustre professor que promoveu a sua fundação e o dirigiu durante 35 anos.

A S. P. A. E. regista gostosamente tão justa homenagem ao seu venerando presidente de honra.

### Congresso Internacional de Antropologia

Está fixada a data de 21 de Setembro de 1930 para a sessão inaugural, em Coimbra, do XV.º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica e da quarta sessão do Instituto Internacional de Antropologia. Na tarde do dia 23 haverá uma excursão a Condeixa-a-Velha e no dia 25 uma excursão à Figueira da Foz, seguindo nesse mesmo dia os congressistas para o Pôrto, onde se realizará a sessão de encerramento (27 de Setembro). No dia 28 haverá uma excursão a Guimarães e à Citânia de Briteiros, regressando-se à tarde ao Pôrto. No dia seguinte partem os congressistas para Lisboa, onde se realizará uma sessão comemorativa do 50.º aniversário do Congresso de Lisboa de 1880, sob a presidência do Chefe do Estado, que já foi convidado para aceitar o alto patronato do Congresso, pedido a que acedeu.

Do programa constam várias sessões de trabalhos das secções, sessões plenárias, recepções, festas, banquete de gala, etc.

O *Comité* de Honra é constituído pelos srs. Presidente do Conselho de Ministros, Ministros dos Estrangeiros, Instrução e Comércio, presidente do Instituto Internacional de Antropologia, director geral do Ensino Superior, reitores das três Universidades, Prof. Marcelin Boule, Presidentes das Câmaras Municipais do Pôrto, Coimbra e Lisboa, Governadores Civis das três cidades, Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, Presidente da Associação Comercial do Pôrto, Director Geral dos Caminhos de Ferro Portugueses, Presidente da Comissão de Iniciativa de Coimbra, Presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, Ministros Plenipotenciários dos Estados aderentes e representados.

O *Comité* organizador é presidido pelo sr. prof. Leite de Vasconcelos, presidente de honra da Sociedade Portuguesa de Antro-

pologia e Etnologia, o secretário geral do Congresso é o sr. dr. Alberto Pessoa, da Faculdade de Medicina de Coimbra, e o tesoureiro o sr. dr. António Temido, assistente do Instituto de Antropologia de Coimbra.

A Comissão Executiva está distribuída por um *Comité* de Coimbra e outro do Pôrto. O primeiro é presidido pelo sr. prof. Eusébio Tamagnini, sendo vice-presidente o sr. dr. Barros e Cunha, secretários os srs. drs. Eduardo Santos e Mário Trincão e membros os srs. profs. Virgílio Correia e Maximino Correia. O segundo é assim constituído: Presidente, sr. prof. Mendes Correia; vice-presidente, sr. prof. Hernáni Monteiro; secretários, srs. drs. Alfredo Ataíde e Luís de Pina; membros, srs. drs. Álvaro Rodrigues e Rodrigues dos Santos J.<sup>or</sup>.

O Congresso reparte-se por quatro secções: 1.<sup>a</sup> Antropologia morfológica e funcional, Etnologia, Etnogenia—Presidente, sr. prof. Joaquim A. Pires de Lima, do Pôrto; 2.<sup>a</sup> Paleontologia humana e Arqueologia Prehistórica—Presidente, sr. prof. Amorim Girão, de Coimbra; 3.<sup>a</sup> Hereditariedade, Eugénica, Grupos sanguíneos, Psico-sociologia, Criminologia, Criminalística—Presidente, sr. prof. Beleza dos Santos, de Coimbra; 4.<sup>a</sup> Etnografia, Folklore, Linguística, Religiões, Geografia Humana—Presidente, sr. prof. Silva Teles, de Lisboa.

Para tomar parte na sessão, é necessário ser membro do Instituto Internacional de Antropologia ou enviar a sua adesão apenas para esta sessão (com a soma de 40 frs. franceses)

Todas as informações devem ser pedidas ao sr. dr. Alberto Pessoa, secretário geral do Congresso, Alpenduradas (Coimbra).

---

### Lutuosa

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia prestou oportunamente sentida homenagem à memória de três sábios ilustres, recentemente falecidos, um dos quais pertencia ao número dos seus sócios correspondentes: os professores L. Capitan, Ch. Depéret e Manoel Anton y Ferrandiz.

O dr. Capitan era membro da Academia de Medicina de Paris, professor de Arqueologia Prehistórica na Escola de Antropologia da mesma capital e de Antiguidades Americanas no Colégio de França. Legou a sua valiosa colecção de arqueologia prehistórica ao Museu de Saint-Germain. Tinha uma grande reputação como historiador. Foi um dos principais organizadores do Ins-

tituto Internacional de Antropologia e, pouco antes de morrer, mostrava o maior entusiasmo pelo Congresso de Setembro próximo em Portugal. Infelizmente não lhe foi dado tomar parte nesse Congresso por cuja realização tanto se interessara.

O prof. Depéret era professor de Geologia e Paleontologia na Faculdade de Ciências de Lyon, decano da mesma Faculdade e membro da Academia das Ciências de Paris. Paleontologista de alto mérito, ligou também o seu nome a algumas explorações de arqueologia prehistórica. Devem-se-lhe alguns estudos sobre fósseis de Portugal, tendo sido um colaborador especializado da nossa Comissão dos Trabalhos Geológicos. Vai-lhe ser erigido um monumento na Universidade de Lyon.

O prof. Manoel Anton y Ferrandiz professou o ensino da Antropologia na Universidade de Madrid e era director do Museu Antropológico Nacional daquela cidade. Membro de várias Academias e autor de numerosos estudos antropológicos, foi seguramente um dos iniciadores da moderna ciência antropológica em Espanha. Estava há anos retirado da sua cátedra mas mantinha a sua actividade de director do Museu e de publicista. É uma nobre figura da ciência espanhola que desaparece. Anton era um dos mais antigos sócios correspondentes da nossa Sociedade.

Esta colectividade perdeu também um sócio dedicado e talentoso com a morte do dr. Armando Almeida Prisco, professor auxiliar e naturalista de Mineralogia e Geologia da Faculdade de Ciências do Pôrto. O dr. Armando Prisco foi ainda membro do Conselho Director da Sociedade, mas uma doença prolongada o afastara, havia muito, dela e das suas actividades científicas e pedagógicas em que mostrara tão brilhantes aptidões.

A Sociedade de Antropologia associa-se novamente aos testemunhos de pesar que a morte de personalidades científicas tão meritórias provocou.

---